



GÊNERO E SEXUALIDADE: REFLEXÕES QUE REVERBERAM NA PRÁTICA DOCENTE

Maria Keiseiane Rocha ¹
Thiago Moura Davi ²
Maria Marcela Alves dos Santos ³
Francisca Mayla Teixeira Santos ⁴
Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro ⁵

INTRODUÇÃO

No que se refere aos temas que englobam gênero e sexualidade, as discussões têm a cada dia se tornado mais acaloradas, principalmente quando atrelada ao campo da Educação, se dando em grande parte, influenciadas por questões políticas que geram diversos debates em torno desses tópicos, e assumido em seu cerne um viés político-ideológico.

Inferese-se que, a compreensão dos temas supracitados, são elementos que são aspectos intrínsecos aos sujeitos, e que são necessários ao entendimento de si e do outro, não só como sujeito individual, mas como sujeito pertencente a um grupo de uma determinada sociedade, logo, dispor desse conhecimento é algo necessário ao aluno em processo de formação.

Diante de todas as discussões e concepções que se desdobram conforme a sociedade se modifica, se torna pertinente então refletir de que maneira essas novas compreensões acerca desses temas impactam as práticas pedagógicas docentes e de que modo esses temas são incorporados e debatidos dentro dos espaços escolares. Além de compreender quais reflexões são geradas e assimiladas pelos professores.

O estudo é produzido como requerimento do Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI) campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizada em agosto de 2023 e tem como problemática: Como é desenvolvido os debates acerca de gênero e sexualidade dentro dos espaços educacionais e que reflexões são oportunizadas aos professores e suas práticas pedagógicas?. Quanto ao objetivo geral se dá em compreender como é

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, maria.keiseiane@aluno.uece.br;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Thiago.davi@aluno.uece;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, marcela.alves@aluno.uece.br;

⁴ Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, francisca.mayla@aluno.uece.com;

⁵ Doutor pelo Curso de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE, Francisco.mirtiel@uece.br.

desenvolvido os debates acerca de gênero e sexualidade dentro dos espaços educacionais e que reflexões são oportunizadas aos professores e suas práticas pedagógicas. Seguindo essa perspectiva, o estudo busca refletir de forma mais aproximada como as discussões que se estabelecem a partir dos temas gênero e sexualidade na educação reverberam na prática docente, além de buscar contribuir na compreensão da necessidade de se refletir sobre como os temas em questão estão sendo atribuídos ao ensino.

O trabalho se constitui da seguinte forma, iniciando pela seção intitulada introdução, seguido da metodologia (ou materiais e métodos), referencial teórico, resultados e discussão, considerações finais e por último as referências.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa foi realizada em Agosto de 2023 e contou com a abordagem qualitativa pois “[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...]” (MINAYO, 2009, p. 21). Sendo assim, se faz necessário o estudo do sujeito social. Quanto a sua tipologia, a aderida foi a de cunho bibliográfico onde “[...]tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas.” (ALVES; OLIVEIRA; SOUSA, 2021, p. 2). O estudo tem como arcabouço teórico, em destaque, os estudos de Alves, Oliveira e Sousa (2021); Foucault (1984); Louro (1997); Minayo (2009); e Vianna (2010).

REFERENCIAL TEÓRICO

No que se compreende por direito e dever das escolas brasileiras em formar cidadãos conscientes e tolerantes para com as diferenças, podemos perceber que essa ação social pouco se é considerada como proveitosa para nossa sociedade. A falha do sistema de ensino pode ser compreendida em diversas searas que formam o campo educacional das escolas. Desde os livros que são produzidos e repartidos conforme um pensamento ideológico, que logo se caracteriza como separatista, nada adaptativo, trazendo sempre situações ao depender do conteúdo, bem padronizadas no que se diz respeito aos moldes arcaicos que até hoje cercam nossa sociedade.

Passando pelo formato como é dividido os cenários do ambiente escolar, tanto no esporte, onde meninos devem jogar futebol e meninas vôlei, ou no intervalo onde os homens interagem de um lado, e as mulheres de outro, como um enquadramento de gênero. De tal modo, Louro (1997, p. 60) acrescenta que



A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui[...]. Entretanto, essa delimitação não é perceptível, se tornando algo natural, pois ‘Tal ‘naturalidade’ tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimente, circulam e se agrupam de formas distintas[...]. (LOURO, 1997, p. 60, grifos do autor).

Partindo para a ação docente com relação ao tema, pouco se consegue enxergar um horizonte mais progressista ou inclusivo por parte dos professores. Pois, por pertencer ao meio, ele(a)s de forma também intrínseca absorvem essas pautas limitadoras e dominadoras de corpos. Compreendendo que são os docentes que fazem as sugestões e divisões do gênero, na hora do esporte, e por vezes chega a reprimir aquelas crianças que resolvem não optar por esse *apartaide* de grupos masculinos e femininos. Compreendemos que essas atitudes por vezes não são realizadas por simples má vontade de distinguir e enquadrar as crianças em um grupo, mas sim pela sustentação de uma tradição que vem desde o princípio dos moldes escolares que conhecemos hoje, pois

Os mais antigos já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabaram por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que ‘passaram pelos bancos escolares[...]. (LOURO, 1997, p. 61, grifos do autor).

No que diz respeito às propostas que devem ser viabilizadas é compreendido que “[...]a ênfase na orientação sexual também pode ser notada nas políticas de prevenção nas escolas temas a ela relacionados[...].” (VIANNA, 2010, p. 358). Porém, torna-se visível que uma simples intervenção política por meio das autoridades não é o bastante para assegurar o diálogo, pois

“[...]é o chamado currículo transmitido ou silenciado pelos livros didáticos e pelos parâmetros Curriculares Nacionais que se torna mais debatido quando se trata da introdução da sexualidade/gênero nas políticas públicas de educação, referindo-se principalmente à inclusão do tema transversal Orientação Sexual.” (VIANNA, 2010, p. 358).

De tal modo, apresentando as instâncias que sustentam e fomentam o separatismo. Pois, não agrega de forma alguma uma ação governamental apresentando a importância da diversidade e a necessidade de abordar no âmbito escolar os assuntos como gênero e sexualidade, se esse agente político é o mesmo que separa e propõe os conteúdos trabalhados nos livros didáticos. Tais contradições e limitações reverberam no trabalho docente, que está na linha de frente da formação dos estudantes, e tem como material de trabalho aquilo que é proposto por quem deveria dar o suporte para mitigar essa problemática, mas que na formulação de conteúdos de ensino continuam propagando pensamentos arcaicos, e quando possível evitam

incluir conteúdos de gênero e sexualidade em matérias que a pauta deveria ser obrigatória. Por muitas vezes, com as pautas limitadoras que as instituições acabam tendo, não conseguem e até mesmo evitando falar sobre o tema. É a realidade que é presenciada. As limitações do trabalho docente, acabam sendo pontos negativos para uma pauta tão importante como gênero, educação e sexualidade.

As ausências dos assuntos, geram desconforto até para os próprios estudantes, pois sentem falta do tema ser tratado e trabalhado dentro da sala de aula. Alguns pensamentos tradicionais acabam criticando a temática educação e sexualidade. Os pensamentos conservadores tradicionais acabam querendo ser os donos da ética moral. Mas é necessário ter amplitude para trabalhar orientação sexual em instituições de ensino. Pensamentos que muitas vezes, são levados a serem trabalhados e compactuados dentro das escolas. Sendo levado em consideração o conservadorismo e não estudando a pauta de maneira que deveria ser correta. Acabam esquecendo da sociedade e favorecendo a outro grupo de pessoas. Segundo FOUCAULT (1984, p.72). “A mudança concerne muito mais à maneira pela qual o indivíduo deve se constituir enquanto sujeito moral.” É necessário ter um desenvolvimento que exija novas mudanças de pensamentos, onde exija uma prática que possa trabalhar todos os tipos de indivíduos e seus gêneros. Educação, gênero e sexualidade, são pautas que são necessárias para ter amplitude e conhecimento sobre o assunto, principalmente dentro das instituições de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando fala-se em gênero, sexualidade e educação, se remete a educação sexual em um contexto educacional que envolve arranjos sociais e políticos onde é preciso caracterizar a invisibilidade que existe em decorrência desse assunto. A instituição escolar é um lugar onde tem diversos tipos de pessoas, jeitos e mundos diferentes, seja aos alunos, corpo docente, funcionários e gestão. Ter objetivos, e ter “neutralidade” são marcas de uma educação que por muitas vezes é moldada por outros olhos e ainda tem o assunto gênero é lembrado nas diferenças que existem entre o sexo masculino e feminino, onde o homem tem sempre as melhores posições e altos cargos. A desigualdade de gênero é totalmente existente nos dias de hoje, segundo Louro

A distinção biológica, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, as possibilidades e os “destinos” próprios de cada gênero. (LOURO, 1997, p.45).

Sendo assim, é perceptível as diferenças enraizadas na sociedade, pois desde a infância somos rodeados de rótulos que potencializam a percepção coletiva de que homens e mulheres devem estar em espaços diferentes, reforçando a falta de oportunidade, emprego, e a diferença salarial, substanciando os privilégios do gênero masculino que perdura desde os tempos passados, onde os homens estavam presentes no mercado de trabalho e as mulheres tinham de ficar em casa com a ocupação doméstica e cuidado com os filhos, o que fica demonstrado que por até mesmo aptidões, o gênero masculino é considerado o mais “correto” e “bom” para alcançar altos cargos.

As mulheres, na maioria das vezes, eram as maiores vítimas da desigualdade. Negros (as), pessoas de baixa condição social e LGBTQIAPN+, são as maiores vítimas, no qual são afetados e muitas vezes são negligenciados alguns direitos, sofrendo preconceitos por suas escolhas, formas e maneira que a própria sociedade os coloca.

Algumas condutas são resquícios de pensamentos tradicionais que acabam sendo opressores, usando sempre uma narrativa para definir o certo e o errado, sendo assim é necessário uma desconstrução e reconstrução, para que possa ocorrer as mudanças e que tenha objetivos construídos, para estabelecer condições favoráveis e igualitárias a todos. A educação quebra paradigmas. De modo que as concepções podem ser enfatizadas, criadas e seguidas. Ter aquilo que podia se constituir dentro da sociedade. Algumas vezes a desestabilização de práticas passadas, são estímulos para práticas novas.

Dentro das, no ensino, a educação sexual, que por muitas vezes é considerada um tabu, é muito difícil uma construção que tenha ideias para trabalhar sobre o tema. A sociedade brasileira acaba colocando muitas críticas, e sempre, cria um pensamento de referência ao sexo e não a educação e orientação sexual. Acaba ali, tendo um pensamento enraizado e preconceituoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto pode-se compreender a necessidade de ser construído relações que estabeleçam o debate de gênero e sexualidade a fim de fortalecer a formação docente. É importante que os educandos tenham acesso a práticas pedagógicas no âmbito escolar, no qual possam contribuir com as discussões relacionadas ao assunto abordado, contudo, é evidente que algumas instituições e profissionais de educação deixam essa temática de lado, devido à falta de interesse da mesma ser inserida no contexto educacional. Dessa forma, é preciso ver a realidade e compreender as informações que devem ser levadas para a sala de aula no intuito de aprofundar as temáticas por meio da interação entre aluno e professor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laís Hilário; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SOUSA, Angélica Silva de. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em:

<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 07 Jul 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. In: Foucault, M. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1985.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. cap. 1, p. 9-29.

VIANNA, Cláudia. Gênero e sexualidade nas políticas de educação dos governos FHC e Lula: demandas históricas e desafios futuros. In: TEIXEIRA, Filomena (Org.). **Sexualidade e educação sexual**. Braga, Portugal: Edições CIEd, 2010, p. 357-362.